



CONSTRUINDO OLHARES CRÍTICOS: A LIGA ACADÊMICA COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO RACISMO NA SAÚDE

LARISSA CRISTINA DE CASTRO; ANA CLARA ASSUNÇÃO ALVES; GIOVANNA PIMENTEL PEREIRA; JHONATHAN CANDIDO FARIAS; ROMULO FELIPE DA FONSECA SANDER

RESUMO

As desigualdades sociais e o racismo estrutural impactam diretamente a saúde da população negra, limitando o acesso aos serviços e comprometendo sua qualidade de vida. Dados do Ministério da Saúde revelam menor acesso de pretos e pardos aos atendimentos, mesmo com maior prevalência de doenças como hipertensão, diabetes e anemia falciforme. A situação se agrava entre mulheres negras, que representam 60% das mortes maternas por causas obstétricas, refletindo negligência e violência obstétrica. Nesse contexto, a formação de profissionais com práticas antirracistas torna-se essencial, conforme preconiza a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Dessa forma, este relato de experiência descreve uma ação realizada pela Liga Acadêmica de Saúde da População Negra da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ-CCO), com o objetivo de refletir sobre os impactos do racismo estrutural na saúde e na formação acadêmica. A atividade foi composta por duas dinâmicas: “Sentidos Silenciados” e “Caminhos e Conexões”. A primeira proporcionou uma vivência sensível sobre os processos de apagamento, silenciamento e retirada de autonomia historicamente impostos à população negra, utilizando recursos que limitaram os sentidos e a comunicação dos participantes. A segunda promoveu um espaço de acolhimento, escuta e construção coletiva, no qual os participantes compartilharam suas trajetórias, origens, desafios e perspectivas, fortalecendo o sentimento de pertencimento e resistência. As discussões emergentes evidenciaram como o racismo institucional segue impactando o acesso aos serviços e a qualidade do cuidado em saúde, reforçando a urgência de práticas formativas que rompam com a lógica excludente e promovam uma atuação profissional ética, crítica e antirracista. Conclui-se que metodologias participativas e vivenciais são potentes estratégias para sensibilizar, mobilizar e transformar sujeitos e instituições, contribuindo diretamente para a construção de uma saúde mais equânime, justa e livre de racismo.

Palavras-chave: Saúde da População Negra; Educação em Saúde; Educação Continuada.

1. INTRODUÇÃO

A saúde da população negra é interligada a desigualdades sociais que restringem e limitam o acesso a atendimento e informação, afetando a qualidade de vida. Nas instituições e na prática profissional, o racismo estrutural perpetua o silenciamento das necessidades desta população. Dados divulgados pelo ministério da saúde revelam que apesar de possuir prevalência em doenças crônicas e genéticas como diabetes mellitus II, hipertensão arterial e anemia falciforme, anualmente a proporção de acesso a atendimento médico é maior entre pessoas brancas (74,8%) do que entre pretos e pardos (69,5% e 67,8%, respectivamente) (Brasil, 2017).

Essa violação ao direito à saúde garantido pela constituição brasileira, se torna ainda mais alarmante quando voltado às mulheres negras que têm seus corpos violados durante a gestação sendo vítimas de violência obstétrica e negligência no pré-natal, se tornando maioria (60%) em morte materna por causa obstétrica (Santana *et al.*, 2024). Diante desta realidade, se torna urgente a qualificação e formação de profissionais com competência ética e atuação antirracista no cuidado a saúde. Conforme a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS (Brasil, 2017), a equidade e o direito à saúde são assegurados quando o racismo é combatido.

No contexto da formação universitária, ligas acadêmicas são espaços de transformação e aprendizado, sendo importantes para a educação e preparação dos profissionais de saúde. Visando este aspecto, a criação da Liga Acadêmica de Saúde da População Negra (LASPN), se origina da necessidade de discutir e aprender sobre o impacto racial na saúde, não somente no campo de prática, mas também na formação profissional. Conforme exposto por Borret *et al.* (2020), o corpo negro, dentro da medicina, é tratado como um objeto a ser estudado e explorado, mas não visibilizado. Sendo assim, foram realizadas atividades com o propósito de sensibilizar e promover o olhar crítico dos participantes, através das dinâmicas “Sentidos Silenciados” e “Caminhos e Conexões”, que buscaram valorizar as experiências e vivências individuais na construção do coletivo, e expressar de modo simbólico o silenciamento vivido por pessoas negras.

Perante este cenário, o relato de experiência tem o objetivo de descrever as dinâmicas realizadas na liga, ressaltando a importância de uma qualificação crítica e antirracista na educação dos profissionais de saúde.

2. RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

Trata-se de um relato de experiência de um momento vivenciado por 16 estudantes dos cursos de Bioquímica, Enfermagem e Medicina da Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Centro-Oeste Dona Lindu (UFSJ-CCO). Este ocorreu dentro da acolhida dos novos membros da Liga Acadêmica de Saúde da População Negra, sendo realizada no laboratório de saúde mental da Universidade.

Este momento visou promover um espaço de integração dos novos ligantes, além de oportunizar uma reflexão sobre a causa da população negra. Os alunos foram incentivados a participarem de duas dinâmicas interativas intituladas: “Sentidos Silenciados” e “Caminhos e Conexões”. Como fundamentação teórico-científica, foi utilizado a teoria “Pedagógica Crítica” de Paulo Freire, que defende uma educação libertadora, crítica, dialógica e problematizadora, a teoria resultou nas obras “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Autonomia” (Freire, 2005; Freire, 2011).

A dinâmica “Sentidos Silenciados” teve como objetivo levar os novos ligantes a vivenciarem, de forma simbólica, o apagamento, a confusão e o silenciamento de pessoas negras em diversas dimensões – inclusive na saúde – por meio da desconstrução dos seus sentidos. Foram utilizados como materiais na dinâmica: vendas, caixas, estojos de materiais escolares, almofadas, cadeiras, esponjas, papel e caixa de som para ambientação sonora. Em um primeiro momento, os participantes entraram um a um na sala e, orientados a se posicionarem no meio do espaço, foram escolhidos dois ligantes para observarem a condução e movimentação da dinâmica. Logo após, os membros foram vendados e deu-se início à dinâmica. Com uma música remetendo ao barulho do mar, os facilitadores espalharam os objetos pelo ambiente e ordenaram que os participantes vendados os recuperassem e guardassem com eles. A música foi trocada em diversos momentos, para diversos sons que proporcionaram acolhimento, desconforto e provocação. Ao decorrer da dinâmica, os facilitadores “roubavam” os objetos que os participantes possuíam e davam ordens como: “ande para a direita”, “vire para a esquerda”, “pegue o que está na sua frente”, “siga o som”

ou eram interrompidos no que estavam fazendo sem explicação prévia. Após alguns minutos de dinâmica, a música parou, e os participantes foram orientados a retirarem as vendas. Assim, deu-se início a uma roda de conversa abordando a experiência recém-vivida. Cada participante teve um momento de fala e foram utilizadas perguntas norteadoras para a discussão, sendo algumas delas: “Como foi não ver?”; “Confiar apenas nos outros sentidos?” “Sentiram-se confusos, inseguros, frustrados?”; “Conseguiram entender o que se esperava de vocês?”; “Como isso se conecta com as vivências de pessoas negras silenciadas na sociedade e na saúde?”. Por fim, os facilitadores interligaram as vivências com as falas abordando como o racismo desorganiza sentidos, silencia a voz e impede o acesso ao cuidado e à escuta, e como a liga acadêmica pode ser um ambiente contra esse apagamento.

Posteriormente os participantes foram ouvidos, compreendidos e indagou-se a construção de um ambiente mais calmo e reflexivo, visando o início da segunda dinâmica, denominada “Caminhos e Conexões”. Esta pautou-se na promoção da integração entre os participantes e valorização de suas trajetórias individuais, como parte da construção da LASPN. Como materiais, foram utilizadas: folhas coloridas recortadas em formato de pegadas, canetas, lápis de cor e fita adesiva para construir uma “estrada” com as pegadas no chão. Dessa forma, os mediadores distribuíram “pegadas de papel” e orientaram os membros a escrever, nelas, momentos marcantes da sua trajetória, por meio de desenhos e palavras. Após essa construção, cada um se posicionou à frente do grupo, se apresentou e compartilhou um pouco da sua história de vida. Assim, foram evidenciados aspectos religiosos, familiares, círculos sociais, relevância de um espaço como a LASPN, sonhos realizados e metas a serem cumpridas, bem como características marcantes de cada um. Para finalizar esta atividade, cada membro colou sua “pegada” no chão, simbolizando a trajetória individual e coletiva que se construirá com o início da liga. Além disso, os facilitadores retomaram a imagem da estrada e e complementam com a frase de Conceição Evaristo (2015); “Combinaram de nós matar, mas a gente combinou de não morrer”. Diante disso, as dinâmicas ofertaram acolhimento e pertencimento aos membros, assegurando que a liga sempre será um meio seguro, acolhedor e promotor do pertencimento, possibilitando à troca de experiências e vivências, reafirmando a importância da trajetória individual e de se caminhar e resistir juntos. Além de fazer um paralelo a teoria do filósofo Paulo Freire que afirma que - quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o opressor (Freire, 2005).

3. DISCUSSÃO

A influência das dinâmicas “Sentidos Silenciados” e “Caminhos e Conexões”, se expandiram para além das atividades de integração, ambas proporcionaram vivências críticas e simbólicas sobre os impactos do racismo estrutural na saúde e nas relações sociais.

A primeira dinâmica “Sentidos Silenciados”, ao promover a desconstrução dos sentidos por meio de vendas e comandos contraditórios, objetivou simular o silenciamento, a desorientação e o desligamento histórico e social vivenciado pela população negra. Essa experiência se assemelha e cria reflexões referente às barreiras de acesso ao cuidado e à escuta, que pessoas negras enfrentam frequentemente em espaços institucionais e em serviços de saúde. Desse modo, estudos apontam o racismo institucional como um dos principais fatores que dificultam o acesso igualitário à saúde no Brasil (Souza; Rocha, 2022). Tal proposta interliga-se com o conceito de racismo institucional descrito no livro de Silvio Almeida, no qual práticas, normas e atitudes, mesmo quando não intencionais (Almeidas, 2019), acarretam em desigualdade de acesso e de cuidado. Desta forma, quando os participantes foram privados do direito à autonomia e da compreensão do que ocorria, retrata o que ocorre com a população negra nos serviços de saúde e no cotidiano, locais em que estes são interrompidos, têm sua dor subestimada e desvalorizada. Tal negligência, se vincula, principalmente, ao fato de associarem que pessoas negras são mais fortes e suportam mais as

coisas e por isso algumas vezes nem sequer são escutadas. Além disso, essa prática se alinha com os princípios da Educação Popular em Saúde, ao promover uma reflexão coletiva e crítica por intermédio da vivência concreta (Bezerra; Elias, 2014).

Já a dinâmica “Caminhos e Conexões” fortaleceu a ideia de pertencimento e construção coletiva, ao valorizar as trajetórias individuais dos participantes. Com isso, a escuta atenta e a partilha de histórias desenvolveram um espaço de acolhimento afetivo, essencial para consolidar um ambiente seguro e resistente. E ressignificar a trajetória pessoal dentro de um coletivo que luta contra o desligamento. A construção de práticas como está no ambiente acadêmico torna-se fundamental para a formação de profissionais conscientes e comprometidos com a equidade (Oliveira *et. al*, 2021).

As experiências relatadas mostram a importância de metodologias participativas sobre as questões raciais para estimular o reconhecimento da diversidade e desta forma desconstruir estruturas discriminatórias nos espaços educacionais e de saúde. Além disso, cabe destacar que a escuta ativa das histórias dos participantes e o reconhecimento de suas conquistas compõem uma estratégia de resistência frente ao processo histórico de apagamento. (Oliveira, *et al.*, 2021) A frase citada por uma das participantes durante a dinâmica de “tudo isso” sintetiza a potência que reconhece a força e a complexidade das vivências negras. Tais iniciativas de acolhimento e reflexão constroem o que (Silva, 2021) chamam de “currículo oculto antirracista”, aquele que opera além dos conteúdos formais e molda subjetividades críticas e engajadas.

Essas vivências tornam-se fundamentais para preparar os ligantes para futuros empregos para que sejam profissionais que compreendam que o racismo não é apenas uma questão ética ou moral, mas um determinante social da saúde. Segundo dados do Ministério da Saúde a população negra apresenta maiores taxas de mortalidade materna, de doenças crônicas não transmissíveis e menor acesso aos serviços de saúde, resultados diretos de negligências estruturais. Portanto, formar profissionais capazes de identificar e agir frente ao racismo institucional é uma urgência do campo da saúde pública (BRASIL, 2017).

Por fim, vivências como essas não apenas sensibilizam, mas também politizam, permitindo que a formação em saúde vá além da técnica e se enraíze em valores éticos e humanitários. Através do reconhecimento das desigualdades raciais e da valorização de trajetórias individuais e coletivas, forma-se um novo olhar para o cuidado: um cuidado que escuta, acolhe e transforma.

4. CONCLUSÃO

O racismo estrutural permanece como um dos principais obstáculos para que o direito à saúde seja ofertado com qualidade para a população negra (Santos *et al.*, 2020). Nesse sentido, a formação universitária estabelece uma relação direta com as políticas públicas de saúde. A partir de espaços de aprendizado como ligas acadêmicas, podemos formar profissionais conscientes, antirracistas e transformadores, alinhados à Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, que preconiza a equidade e o combate ao racismo como fundamentos para o SUS (BRASIL, 2017; Santos, 2022, p. 38).

O uso de dinâmicas, como “Sentidos Silenciados” e “Caminhos e Conexões”, promove experiências práticas que complementam a teoria, apresentando mecanismos de luta e resistência e permitindo aos participantes vivenciar o silenciamento simbólico e compartilhar suas trajetórias pessoais. Assim, abordar o racismo e suas implicações é fundamental para desconstruir preconceitos e desigualdades, enquanto a partilha das histórias pessoais fortalece a valorização do sujeito e evidencia a força do coletivo como espaço de acolhimento e resistência. Essas vivências propiciam um aprendizado mais profundo e sensível sobre o impacto do racismo na saúde, além de estimular a construção de um olhar crítico e humanizado na prática profissional (Santos, 2022, p. 40).

Apesar da importância dessas ações, seu alcance foi limitado, uma vez que os envolvidos na dinâmica apresentam interesse na temática, e na formação de um sujeito antirracista. Assim, a abordagem não integrou toda a comunidade acadêmica ou a rede de saúde local, o que restringe seu impacto imediato e compartilhamento dessas reflexões no campo mais amplo. Por isso, para propagar o acesso ao debate e fortalecer a luta antirracista, é necessário investir na criação de materiais educativos, como cartilhas, vídeos, podcasts e aulas abertas que expressem as experiências e reflexões vivenciadas, contribuindo para a formação continuada e a sensibilização de mais profissionais, estudantes e da comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BORRET, R. H. *et al.* Reflexões para uma Prática em Saúde Antirracista. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, p. e148, 2020. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/rbem/a/WXBd8cr76HZw9MhrcYNwMtP/?lang=pt>>. Acesso em: 30 mai. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS**. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

EVARISTO, C. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Palas, 2015.

Freire, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra; 2005. Freire, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra; 2011.

SANTANA, A. T. *et al.* Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 9, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/55qy4f7fNBwvbYkvvSGf8fy/?lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2025.

SANTOS, L. B. **Pedagogia antirracista: uma proposta de formação continuada de professores para o enfrentamento do racismo institucional na escola**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022.

SANTOS, M. P. A. D. *et al.* População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 225–244, maio, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/LnkzjXxJSJFbY9LFH3WMQHv/?lang=pt>. Acesso em: 3 jun. 2025.

SILVA, M. A. B. Educação antirracista no contexto político e acadêmico: tensões e deslocamentos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/nhjpTjF8ftjZCYcBBPNqQmQ/?lang=pt>. Acesso em: 03 jun. 2025.

SOUZA, H. D. *et al.* Racismo institucional e saúde da população negra: possibilidades de uma política de saúde inclusiva. **Teoria e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 36, n. 1, p. 276–304, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/45Zrk3ymBnNGxvTWh4pRxGF/?lang=pt>. Acesso em: 3 jun.

2025.

OLIVEIRA, C. D. R. *et al.* Impactos do racismo estrutural no ensino contínuo da população negra: uma análise do Norte de Minas Gerais. **Revista Ciranda**, Montes Claros, v. 5, n. 3, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/4528>. Acesso em: 4 jun. 2025.

OLIVEIRA, M. M. S. *et al.* Liga acadêmica de humanização e a formação profissional em saúde: percepções de ligantes egressos. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20003> . Acesso em: 4 jun. 2025.